

***O teu nome incendiado de azul***<sup>1</sup>

**João de Mancelos**

**Alguns poemas do livro**

---

<sup>1</sup> Mancelos, João de. *O teu nome incendiado de azul*. Lisboa: Colibri, 2016.

**por ti, reparti a noite, o medo e o amor**

por ti, reparti a noite, o medo e o amor,  
nudez a nudez,  
numa equação tão ínfima quanto perfeita.

recolhi todos os papagaios de papel,  
destroçados pelo vento norte,  
até nada mais ferir a praia.

roubei o fogo e voei até ao sol,  
querendo beijar a chama límpida,  
que só cresce no fim da tarde.

estendi numa corda as palavras,  
em versos incendiados,  
para que não tivesses de inventar o silêncio.

e menti-te sobre a morte e o inverno,  
esperando que o dia de amanhã  
cobrisse, brando, todo o horizonte.

**êxtase**

o corpo aguarda, inquieto e tenso,  
como um arco retesado,  
o momento da chuva ardente.

enquanto os dedos ressuscitam  
lugares desejados no escuro  
ou relâmpagos primordiais.

enquanto no ventre se abre  
a chaga onde o mundo inteiro  
principia e dança e se multiplica.

e pulsam espasmódicas estrelas  
e a boca embebeda-se e morre  
sobre outra boca.

o momento que brilha tão cegamente  
e onde o teu nome voa  
incendiado com o meu.

**o mapa do coração**

às vezes, uma chaga de lume,  
outras, uma mulher na sombra desesperada,  
o coração.

sobrevive ao tempo de uma carícia,  
ou à travessia de uma noite de amor comprado,  
o coração.

casa calcinada onde a paixão erra,  
pedra vermelha na água brilhante,  
o coração.

pássaro no peito repentino,  
pulsante inocência da loucura,  
o coração.

quem sabe o caminho, o mapa, a rota  
para a noite incendiada  
do coração?

**quando estou contigo, nu e só**

quando estou contigo, nu e só,  
a ordem do mundo  
subverte-se bruscamente.

a bússola aponta para sul,  
a areia sobe na ampulheta  
e o silêncio abafa o canto.

as crianças são mais sábias  
do que salomão, e os velhos  
regressam à glória do amor.

quando estou contigo, nu e só,  
invento um país de pássaros noturnos  
e o céu inteiro cabe na minha mão.

**para que serve o outono, diz-me**

para que serve o outono, diz-me,  
se esta noite nenhum tigre brilha,  
estendido sobre o teu corpo?

se o céu não é suficientemente  
escuro para que o fogo  
possa crescer, límpido, entre as mãos?

se, do peito, nenhuma cotovia se eleva,  
cantando, dolorosamente,  
num país tão longe da alma?

**fim de tarde, no jardim de um poeta bárbaro**

na nossa loucura, acariciávamos as árvores  
como se fossem jovens deusas,  
e líamos whitman, sobre a relva.

desabrochávamos, assim, com a terra,  
e o cheiro exausto do fim da tarde,  
enxotando a melancolia de saber:

o que possuímos já se perdeu  
na fissura escura do tempo  
ou entre dois versos, sem destino.

não nos fales de eternidade:  
a morte é todo o amor  
que o mundo nos pode desejar.

**a morte era uma desconhecida**

estava só, sentada num café vazio,  
escrevendo nomes e nomes,  
num livro cor de cera.

era jovem, mas tinha gestos antigos  
como a luz, e a sua boca  
na boca dos vivos sabia a pó.

a morte era uma desconhecida  
que fumava, cigarro a cigarro,  
o último dia do outono.



**saudade definida**

e o que é a saudade  
senão um poço aberto no peito  
de onde içamos água de sombra?

**epitáfio para um poeta**

semeaste estrelas e ceifaste a noite,  
enganaste a morte e beijaste a eternidade,  
uma sílaba azul de cada vez.

**inventário dos bens imprescindíveis**

*à memória de hart crane (1899-1932)*

preciso das quatro paredes de um poema  
límpidas como ossos,  
e da fita azul do mar de agosto.

de risos adolescentes lançados  
contra o vento,  
que enfurecem a morte mais branda.

da respiração louca do oceano,  
no equinócio,  
transbordando vida na baía.

de sentir, cálidas, as dunas,  
onde amantes, como tu ou eu, se beijam  
clandestinamente.

preciso de tudo isto.  
tudo.  
antes de fazer o meu funeral no mar.

### **Sinopse**

*O teu nome incendiado de azul* é o sexto livro de poemas de João de Mancelos. A obra é constituída por sessenta composições, agrupadas em três partes, cada uma focando uma realidade da existência humana: o amor erótico, a criação poética, a morte e o vínculo à eternidade.